

CULT
DE CULTURA

POP!

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

CADERNO DE RESUMOS



PARA ALÉM DA FIDELIDADE: A TRANSCRIÇÃO DE QUADRINHOS NO CINEMA

Antônio Davi Delfino Ferreira³⁹

O cinema comercial contemporâneo experimenta, desde o início do século, uma intensa exploração de produções cinematográficas baseadas em histórias em quadrinhos. O fenômeno não é exatamente uma novidade, tendo em vista que há registros de filmes baseados em HQs desde o advento da popularização do cinema, como um dos pioneiros na ficção e comédia produzido em 1895 pelos Irmãos Lumière, *L'Arroseur Arrosé [O Regador Regado]*, inspirada na página de quadrinhos *L'arroseur*, publicada em 1887 pelo ilustrador Hermann Vogel (CAMPOS, 2015). Acompanhando o desenvolvimento das duas mídias, quadrinhos e cinema intercambiaram títulos entre suas produções quase que ininterruptamente desde então.

Mas a partir da popularização dos filmes baseados em quadrinhos super-heróis, sobretudo entre as décadas de 1970 a 1990, com as tetralogias dos personagens Superman (1978-1987) e Batman (1989-1997), essas produções passaram a chamar cada vez mais atenção para suas particularidades de produção e interfaces entre as linguagens quadrinística e cinematográfica. A produção industrial hollywoodiana de *blockbusters* – filmes “arrasa-quarteirão”, de grande alcance popular, orçamentos robustos, elencos estelares, distribuição internacional e êxito comercial (GORDON; JANCOVICH; MCALLISTER, 2010, p. 110) – conferiu a esses títulos elementos que ressaltam sua forma, como a sequencialidade amplamente explorada nos quadrinhos e iconografia particularmente desenvolvida com uso abundante de efeitos visuais cada vez mais tecnológicos, traduzindo para o cinema com atores a iconicidade dos universos desenhados nas páginas das HQs.

Tais elementos ganharam ainda mais potência na virada do século, quando os filmes de super-heróis se tornaram o principal filão dos grandes estúdios estadunidenses, alcançando o topo das bilheteria mundiais e mobilizando indústria, crítica e público em torno de cada um dos inúmeros lançamentos produzidos desde o início dos anos 2000. Desde então, o fenômeno indiscutivelmente se converteu em um objeto relevante para se compreender o entretenimento do século 21, inserido no contexto da convergência midiática (JENKINS, 2009) e abrindo discussões sobre seu lugar nos estudos de cinema.

Nesse estudo, parte da pesquisa realizada a título de dissertação de mestrado sobre quadrinhos e cinema,⁴⁰ resgatamos uma dessas discussões, suscitada a partir do exercício de pensar sobre o lugar dos filmes baseados em histórias em quadrinhos nos estudos de adaptação cinematográfica. Partimos das questões levantadas pelo pesquisador Dru Jeffries

³⁹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de pesquisa fotografia e audiovisual, desenvolvendo pesquisa sobre universos cinematográficos. E-mail: dvferreira01@gmail.com.

⁴⁰ FERREIRA, Davi. *Assembling a Universe! O universo compartilhado Marvel dos quadrinhos ao cinema*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.



(2014; 2017), acerca da eficácia das teorias clássicas de adaptação para analisar esses filmes, considera que os filmes baseados em HQs tendem a formar um estilo cinematográfico próprio que, portanto, reclama metodologias de análise menos atreladas à comparação de conteúdo entre as fontes dos quadrinhos e sua versão fílmica e mais interessadas em investigar as articulações forjadas por essas obras entre as linguagens dos quadrinhos e do cinema.

Essa superação das análises comparadas de conteúdo encontra razão de existir sobretudo pelo que nos revelam os filmes de super-heróis. As décadas de publicação ininterrupta de títulos do gênero nos quadrinhos fornecem um arcabouço amplo de referências que são remixadas na produção dos filmes. Por essa razão, seguimos o percurso de Jeffries (2014, p. 13-24), que revisita as principais teorias da adaptação e ressalta que desde seus precursores, como Sergei Eisenstein (1944), André Bazin (1948) e George Bluestone (1957), há consciência de que o conteúdo do texto adaptado não deve ser comparado ao da fonte, uma vez que o interesse dos estudos deve se voltar para os meios e recursos de linguagem que transformam os textos, afastando-se de uma elitista e/ou subjetiva atribuição de valor aos objetos analisados. Apesar disso, é possível identificar que praticamente todas as correntes desenvolvidas desde então insistem em abordar a fidelidade sob diferentes nomes, como “espírito da obra” (CAMPOS, 2006, p. 47), “intenção do texto” (ECO, 2007, p. 17) ou “continuidade com o original” (BURKE, 2015, p. 19).

Enquanto a discussão de Jeffries – após passar por críticas às diversas teorias de adaptação e tradução intersemiótica – se encaminha para uma revisão do conceito de remediação de Bolter e Grusin (2000) e das relações transtextuais de Gérard Genette (1989), dando conta das questões formais e estilísticas dos filmes baseados em quadrinhos, seguimos uma visada complementar para encontrar o lugar dessas análises formais dentro de um escopo mais amplo em que elas se inserem. Trata-se da abordagem desenvolvida pelo poeta e tradutor brasileiro Haroldo de Campos (2011). Ele é o responsável por cunhar o termo *transcrição*: a criação de algo “novo” que se dá por meio de diferentes textos pré-existentes. O termo em si ainda pressupõe ligações à fonte, mas se volta principalmente para a construção de um novo texto, autônomo e particular.

Campos desenvolve sua teoria ao analisar a tradução idiomática de poemas, a partir do ensaísta Albert Fabri. Nessa análise, Campos (2006, p. 32) ressalta o caráter crítico do tradutor, uma vez que ele desenvolve certa sensibilidade para fazer escolhas que traduzam não somente o conteúdo dos poemas, mas sobretudo a sua forma, a informação estética presente nesses textos. Ora, sendo a forma um aspecto que não encontra equivalências tradutórias tão claras quanto as palavras em diferentes idiomas, ela reclama uma recriação estrutural:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de tradução. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim, tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo



estético, entendido por signo icônico aquele ‘que é de certa maneira similar àquilo que ele denota’). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se, pois, no avesso da chamada tradução literal. (CAMPOS, 2006, p. 35).

Assim, a perspectiva da transcrição parece dialogar com a produção mais aberta às combinações de referências que se manifesta nos filmes de quadrinhos, especialmente os de super-heróis. Trata-se de algo novo, iniciado à sua maneira, porém, consciente dos textos em que se baseia para produzir no cinema algo diferente da mera reprodução do conteúdo das HQs. Obviamente há produções que referenciam mais diretamente títulos específicos dos quadrinhos, bem como filmes baseados em apenas uma publicação bem delimitada e de vários outros gêneros que não o de super-heróis. Ainda assim, a ideia da transcrição ganha força ao enfatizar o caráter criativo inerente até mesmo à menos inventiva dessas produções, tendo em vista que a mudança de linguagem já representa uma transformação radical nos textos – um filme jamais será um quadrinho e vice-versa, ainda que as duas linguagens estabeleçam várias interfaces entre si.

Nessa visada, se desprender das comparações de conteúdo abre caminho para se analisar a complexidade da construção desses filmes, encontrando exatamente nas diferenças a potência criativa que transforma esses textos em cada nova versão. “Tudo é exatamente o mesmo, exceto pelo fato de que é totalmente diferente”, escreveu o quadrinista Allan Moore na introdução da primeira edição de *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, de Frank Miller (1986) – quadrinho que apresentou uma versão diferente da costumeira nas publicações do herói, em que ele aparece mais velho e com uma abordagem mais pessimista, desconectada da continuidade dos títulos publicados à época. Em outras palavras, o que os estudos de adaptação buscam superar, de algum modo já estava presente nos quadrinhos antes mesmo de chegarem às telas: o exercício constante de transformar o passado em algo novo, à medida em que as origens são celebradas, embaralhadas, subvertidas e remixadas para contar histórias sem fim.

Palavras-chave: Quadrinhos; Cinema; Adaptação; Transcrição.

Referências:

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation:** understanding new media. Cambridge: MIT Press, 2000.

BURKE, Liam. **The comic book film adaptation.** Jackson: University Press of Mississippi, 2015.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição:** poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.



_____. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAMPOS, Rogério de. **Imageria**: o nascimento das histórias em quadrinhos. São Paulo: Veneta, 2015.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: La Literatura en Segundo Grado. Madrid: Taurus, 1989.

GORDON, Ian; JANCOVICH, Mark; MCALLISTER, Matthew. Blockbuster art house: meets superhero comic, or meets graphic novel?: the contradictory relationship between film and comic art. In: **Journal of popular film and television**, 34:3, 108-15, 2010. DOI: 10.3200/JPFT.34.3.108-115.

JEFFRIES, Dru. **Comic book film style**: cinema at 24 panels per second. Austin: University of Texas Press, 2017.

_____. **The comic book film as palimpsest**. Montreal: Concordia University, 2014. Disponível em: <<https://spectrum.library.concordia.ca/979124/>> Acesso em: 10 jul. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.